

Inflação dos anos 60 hoje até causa inveja

MAYRLUCE VILLELA

O candidato que conseguir vencer as eleições este ano vai ter problemas muito maiores do que teve Jânio Quadros, o último presidente eleito pelo voto direto. Em 1960, o Brasil estava em pleno crescimento e a preocupação maior era a inflação. No ano que vem, quando o novo Presidente entrar no Palácio do Planalto, terá pela frente não só a inflação, mas também a dívida externa, a redistribuição de renda e uma série de problemas decorrentes do agravamento da situação nos últimos anos.

O brasileiro que votou em 1960 sabe que o peso desta eleição é bem maior. Quando se fala que "naquela época a vida era mais fácil", é verdade e dá para comprovar com números. A inflação de acordo com o Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas, fechou 1960 em 30,5 por cento. Hoje ela está em 758,79 por cento, calculando de janeiro a outubro.

É a questão não está só nos números. Em 1960 a economia não era indexada, por isso trabalhar na redução dos índices era mais fácil. Hoje, com a indexação, ficou mais difícil porque as correias que ligam a economia ajudam a segurar a aceleração inflacionária, mas quando essas barreiras são transpostas, torna-se mais complicado o processo de redução.

O fator salário mostra também como era melhor a vida em 1960. Naquele ano o trabalhador que recebia o salário mais baixo pago no País conseguia "atender a 100,3 por cento de suas necessidades, isto é, sobrava três por cento para gastos supérfluos. Atualmente, o trabalhador que ganha salário mínimo mal consegue atender a 36,87 por cento de suas necessidades, de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Para visualizar melhor, um salário mínimo de 1960 comprava um mil 500 maços de Hollywood. Hoje esse

mesmo salário compra apenas 120.

Quando Jânio Quadros assumiu o poder encontrou uma situação estável com relação a salários. JK recompôs o salário mínimo, que ficou oito anos congelado, de 1944 a 1951, e depois passou a ser reajustado a cada três anos, diminuindo o tempo de reajuste para um ano, como as demais categorias. Adotou uma política revolucionária de rendas, cujos salários chegaram a participar em 60 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), de 1960.

Com a queda do poder aquisitivo do trabalhador e a transferência de renda para os mais abastados ocorrida durante o milagre econômico, entre 1967 e 1973, e outras vezes, como em 1983, o próximo Presidente encontrará uma situação bem diferente. O salário do trabalhador representa hoje 33 por cento do PIB. Para se ter uma idéia dessa queda, em 1987, durante o Plano Bresser, o salário mínimo não

atendia a mais do que 27,05 por cento das necessidades do trabalhador.

Falar em renda **per capita** num país que sofreu um drástico achatamento de renda do assalariado é relativo. Em 1960 a renda **per capita** estava em torno de um mil 300 dólares. Hoje está em dois mil 500 dólares. Mas há de se incluir aí o crescimento do País e a forte concentração de rendas. Por isso é uma ficção dizer que o nível de vida do brasileiro aumentou. Muitos ganham pouco e poucos ganham muito. Desse modo a média não diz nada.

PERSPECTIVAS

De acordo com o economista Dércio Munhoz, o brasileiro que estava escolhendo seu novo presidente em 1960 tinha muita esperança, pois saía de um período de grande crescimento. Havia expectativa de continuar esse processo. Na época o Brasil estava deixando de ser um país agrícola e experimentava o crescimento industrial.

O brasileiro que vai às urnas no próximo dia 15 leva consigo a falta de perspectiva, consequência de uma década perdida ou mesmo "roubada", segundo Dércio Munhoz, fruto de um monetarismo que vem sendo praticado desde 1981. A política de juros altos praticada pelo Banco Central e pelo Ministério da Fazenda está levando o Brasil a gastar praticamente três vezes mais do que arrecada de impostos com a especulação financeira.

Com o agravamento da situação econômica, o trabalhador resolveu procurar alternativas que garantissem o nível do orçamento mensal, que só no mês de outubro foi reduzido em 27 por cento, com a inflação registrada de 37,62 por cento. Nesse desespero surgiu o comércio informal, atividade que faz o País perder muito na arrecadação de impostos. O IBGE calcula que a economia invisível ou não registrada, assim identificada pela instituição, representa 13 por cento do PIB.